

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 2

Lilian de Souza
Fernanda Tonelli
(Organizadoras)

 **Atena**
Editora
Ano 2022

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 2

Lilian de Souza
Fernanda Tonelli
(Organizadoras)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadoras: Lilian de Souza
Fernanda Tonelli

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões 2 / Organizadoras Lilian de Souza, Fernanda Tonelli. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0255-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.558221705>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Arte. I. Souza, Lilian de (Organizadora). II. Tonelli, Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Esta obra concentra discussões atuais e pertinentes no campo dos estudos da Linguística, Letras e Artes. Tendo como fio condutor o olhar sobre as linguagens e suas repercussões na esfera social, temos neste volume 18 capítulos escritos por autoras e autores de diversas partes do Brasil.

Ao longo de suas páginas, este *e-book* nos convida a esmiuçar as nuances das linguagens em suas mais diversas facetas. Temos relatos de experiências de práticas de ensino de português como língua materna e estrangeira, de outros idiomas e conteúdos relacionados à literatura, à inclusão, à poesia indígena, à negritude, ao canto, à linguagem publicitária e a toponímia das cidades paraenses, entre outros enfoques. Essas análises e práticas de uso das linguagens, bem como de seu ensino, se dão em contexto pandêmico e para além dele, enriquecendo o mosaico desta obra.

Quanto aos conteúdos do campo da Linguística, temos estudos sob diferentes perspectivas, como a Análise do Discurso, o Letramento, a Semântica textual, o Interacionismo, a gramática normativa, o enfoque na interação verbal e na pronúncia, as inteligências múltiplas, a variação linguística e os aspectos transculturais.

A diversidade de temas e referenciais teóricos são prova de que os estudos na área de Linguística, da Letras e das Artes seguem em plena atividade, cabendo a nós, pesquisadoras e pesquisadores, ampliar sua divulgação e espaços de debate.

Nosso agradecimento, portanto, à Atena Editora, por propor a publicação desta obra e às/aos colegas que se dispuseram a contribuir com seus manuscritos fazendo assim, ressoar seus saberes e práticas.

Boa leitura!

Lilian de Souza
Fernanda Tonelli

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
INTERAÇÕES ORAIS EM UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA EM CONTEXTO MULTILÍNGUE	
Douglas Altamiro Consolo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217051	
CAPÍTULO 2	13
PROJETO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM LÍNGUA PORTUGUESA EM VICÊNCIA-PE: UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA	
Gilvania Paula da Silva Almeida	
Jobson Jorge da Silva	
Miriam Paulo da Silva Oliveira	
Maria do Carmo da Silva Souza	
Rosilene Pedro da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217052	
CAPÍTULO 3	21
ANÁLISE DISCURSIVA DA POESIA INDÍGENA KAMBEBA	
Ana Cláudia Dias Ribeiro	
Paola Efelli R. de Sousa Lima	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217053	
CAPÍTULO 4	32
DO LEXEMA AO TEXTO: O ENSINO DO VOCABULÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA	
Lêda Pires Corrêa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217054	
CAPÍTULO 5	42
O ENSINO DA PRONÚNCIA E A HETEROGENEIDADE DA LÍNGUA ESPANHOLA: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO <i>SÍNTESES 1</i>	
Emanuel Bruno Rodrigues	
Marcela de Freitas Ribeiro Lopes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217055	
CAPÍTULO 6	58
VARIAÇÕES DA NORMA PADRÃO EM ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS	
Paula Fernanda Eick Cardoso	
Bianca Schmitz Bergmann	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217056	
CAPÍTULO 7	69
DISCURSOS DA INFORMAÇÃO EM (RE)FORMULAÇÃO NA ATUALIDADE: O UNIVERSO MIDIÁTICO CONSTRUÍDO NA ERA DAS <i>FAKE NEWS</i> E DA PÓS-VERDADE	
Ana Márcia Ruas de Aquino	

Carla Roselma de Atahyde Moraes
Daniela Imaculada Pereira Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217057>

CAPÍTULO 8..... 81

AFRODESCENDÊNCIA E PRÁTICA TRANSCULTURAL DE ESCRITA CRIATIVA EM MESTRADO DA UNIFACVEST, EM 2016

José Endoença Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217058>

CAPÍTULO 9..... 97

A SEMIÓTICA, AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E O ENSINO DA LÍNGUA

Darcilia Marindir Pinto Simões

Maria Suzett Biembengut Santade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5582217059>

CAPÍTULO 10..... 113

O ENSINO DA GRAMÁTICA NO CURRÍCULO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DE SUA IMPLEMENTAÇÃO

Mariana Gurgel Pegorini

Cristina Yukie Myiaki

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170510>

CAPÍTULO 11..... 125

LETRAMENTO DIGITAL: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS E ENSINO

Eduardo Almeida Flores

Raiani Sena Neves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170511>

CAPÍTULO 12..... 135

HISTÓRIA, IDENTIDADE E MEMÓRIA: UM ESTUDO SOBRE OS NOMES DAS CIDADES BRASILEIRAS DO SUDESTE DO PARÁ

Elaine Ferreira Dias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170512>

CAPÍTULO 13..... 142

CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO COM NOMES PRÓPRIOS COMPOSTOS

Edson Domingos Fagundes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170513>

CAPÍTULO 14..... 155

OS GÊNEROS DISCURSIVOS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE CATALÃO-GO

Patrícia Maria da Silva

Viviane Cristina de Alencar Tomé

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170514>

CAPÍTULO 15.....	167
CORAIS DE ESCOLA E CONTRA-HEGEMONIA: O PAPEL DO REGENTE/EDUCADOR FRENTE ÀS FORÇAS SOCIOCULTURAIS DOMINANTES	
Patrick Ribeiro do Val	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170515	
CAPÍTULO 16.....	185
O DIALOGISMO NO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO DE CONCEPÇÃO BAKHTINIANA	
Wyama e Silva Medeiros	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170516	
CAPÍTULO 17.....	195
CONHECIMENTO DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO SOBRE O LETRAMENTO ESCOLAR PARA ESTUDANTES CEGOS E COM BAIXA VISÃO	
Luana Monteiro Rodrigues	
Suelene Silva Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170517	
CAPÍTULO 18.....	217
PRÁTICA PEDAGÓGICA E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: O QUE PENSAM OS PROFESSORES DAS SÉRIES INICIAIS	
Edna da Silva Torres	
Joas Moraes dos Santos	
Márcia Suany Dias Cavalcante	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.55822170518	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	227
ÍNDICE REMISSIVO.....	228

ANÁLISE DISCURSIVA DA POESIA INDÍGENA KAMBEBA

Data de aceite: 02/05/2022

Ana Cláudia Dias Ribeiro

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Araguaína (TO). Professora efetiva do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), Campus PVH Zona Norte

Paola Efelli R. de Sousa Lima

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Araguaína (TO). Atua como professora nos cursos de Pedagogia, Ciências Econômicas, Direito, Teologia e Psicologia, na Faculdade de Educação Santa Terezinha - FEST, professora de Pós-Graduação Lato Sensu e advogada no Centro Educacional Getúlio Vargas - CEGV. Integrante da Comissão de Mulheres, da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB)

Trabalho apresentado no “II Encontro Nacional de Estudos Linguísticos e Literários”, realizado nos dias 14 a 17 de maio de 2019, na Universidade Estadual Do Maranhão – *Campus Caxias*.

RESUMO: A presente pesquisa foi apresentada como avaliação parcial da disciplina Análise do Discurso, do Programa de Pós-graduação em Letras: ensino de língua e literatura, da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Esse trabalho teve como objetivo analisar a memória discursiva nas poesias da autora

Márcia Kambeba, identificando o interdiscurso presente nos poemas, como também os efeitos provocados e sentidos, a análise foi feita com base nos estudos de Pêcheux e Orlandi, em uma perspectiva da teoria da Análise do Discurso de Linha Francesa. Entender os poemas da Márcia Kambeba na perspectiva da análise discursiva significa compreender toda a história de um povo indígena, nas palavras da autora em todas as situações que esse dizer foi produzido e em quais condições ele foi produzido. Foi observado o efeito de sentido formado pelas palavras ditas e não ditas e como se deu o processo de construção de sentidos dos poemas, a partir do contexto histórico, cultural e social que envolve o discurso indígena. Entende-se que essa pesquisa representa algumas possibilidades interpretativas na construção dos sentidos com base no discurso ideológico presente nos poemas, no entanto, existem diversos discursos no texto literário, e sempre haverá várias maneiras de representá-los a depender dos aspectos intrínsecos e extrínsecos ao discurso e ao próprio texto.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso. Poesia indígena. Discurso ideológico. Memória oral.

ABSTRACT: The present research was presented as a partial evaluation of the Discourse Analysis discipline, of the Postgraduate Program in Letters: Language and Literature Teaching, of the Federal University of Tocantins (UFT). This work aimed to analyze the discursive memory in the poetry of the author Márcia Kambeba, identifying the interdiscourse present in the poems, as well as the provoked effects and senses, the analysis

was based on the studies of Pêcheux and Orlandi, in a perspective of the theory of Analysis of the French Line Speech. Understanding Márcia Kambeba's poems from the perspective of discursive analysis means understanding the entire history of an indigenous people, in the author's words in all situations in which this saying was produced and under what conditions it was produced. It was observed the effect of meaning formed by the spoken and unspoken words and how the process of construction of meanings of the poems took place, from the historical, cultural and social context that involves the indigenous discourse. It is understood that this research represents some interpretative possibilities in the construction of meanings based on the ideological discourse present in the poems, however, there are several discourses in the literary text, and there will always be several ways to represent them depending on the intrinsic and extrinsic aspects of the poem. speech and the text itself.

KEYWORDS: Speech Analysis. Indigenous poetry. Ideological discourse. Oral memory.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa inicia-se em uma conjectura contraditória, no sentido de que a tradição indígena é a história oral, e quando um indígena aprende uma nova língua, acaba sofrendo preconceito tanto do homem indígena, por não aceitar essa prática culturalmente, quanto do homem ocidental, que acredita que o índio que mora cidade perde a sua identidade, como se identidade fosse algo ligado somente à geografia e ao local de morada.

Abordar esses aspectos no texto, por meio da análise discursiva, significa entender que os textos poéticos possuem uma carga cultural, emocional, histórica e política, tanto nas palavras que foram ditas como naquelas que foram silenciadas, o indício de que o silêncio pode ser outro (ORLANDI, 2013). Além disso, possuem diversos discursos e carregam consigo a voz do um sujeito que foi marcado ao longo da sua existência, com a inscrição da ideologia e do seu inconsciente.

Com efeito, mobiliza-se a Análise discursiva como base teórica e o poema *Ser Indígena – Ser Omágua*, da autora indígena Márcia Wayna Kambeba¹, em seu livro “Ay Kakyri Tama (Eu moro na cidade)” como objeto de análise. De modo geral, o poema apresenta um discurso carregado de história, cultura, alegrias, sofrimento, batalhas, derrotas e conquistas do povo Kambeba², uma memória rica da nossa cultura ancestral. É um texto repleto de historicidade, com fortes marcas da memória discursiva, pois trata-se da história oral desse povo.

Fazer a análise discursiva dos poemas que abordam a cultura indígena é entender

1 Márcia Wayna Kambeba é uma poeta e geógrafa brasileira, de etnia Omágua/Kambeba. Graduou-se em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Fez o mestrado na Universidade Federal do Amazonas e pesquisa o território e identidade da sua etnia, atualmente reside em Belém, estado do Pará. (KAMBEBA, 2013)

2 Os Cambeba na Amazônia foram o resultado da grande migração Tupi rumo a terra sem males, dois ou três séculos antes da colonização europeia. Os primeiros registros escritos sobre esses índios feitos entre séculos XVI e XVII são contraditórios, mas a maioria fala de grandes povoados Omága ou Kambeba (cabeça chata), com poder político centralizado em torno de um principal cuja influência atingia áreas geográficas de até 700 km. Enquanto para uns os Cambeba eram liderados por grandes senhores, confeccionavam suas próprias roupas, tinham o corpo elegante e a pele clara sendo, por isso, vistos como “mais civilizados” que outros povos para outros, eles eram violentos, sanguinários e antropófagos. (MACIEL, 2013)

um pouco da nossa cultura ancestral, pois “O peso das palavras do discurso nacional vem de um ‘como era no passado’ - de uma Anglicidade Ancestral” (BHABHA, 2013, p. 224), uma vez que os indígenas estavam no Brasil antes mesmo da colonização.

A disciplina de Análise do Discurso é de salutar importância na percepção da inscrição ideológica indígena, uma vez que ela se propõe a estudar o discurso que está inscrito no texto por meio das palavras, é o estudo da palavra em movimento, no jogo das palavras é a compreensão do que o homem diz, não apenas do que está escrito, mas de todas as características sociais, ideológicas e políticas presentes no texto (ORLANDI, 2009).

Assim, apresentar reflexões acerca da cultura indígena significa reforçar a base estrutural do povo brasileiro, representa o resgate de uma voz que foi silenciada no período colonial, mas que precisa ser ouvida na atualidade, pois são produções que retratam a resistência de uma identidade que poderia ter sucumbido na história, mas que se manteve viva até hoje, nesse contexto, escrever é resistir.

1 | CONCEPÇÕES SOBRE LITERATURA INDÍGENA

A literatura indígena é um campo ainda pouco explorado no universo literário. Estudos recentes são desenvolvidos no sentido de colocar em evidência o indígena enquanto leitor e autor literário, como também de propagador da sua cultura por meio da palavra escrita, ou pela oralidade, em palestras ou ambientes de discussão, trazendo à baila assuntos pertinentes a sua história e seus costumes, afim de que se minimizem as barreiras construídas no decorrer da história entre o homem indígena e o homem ocidental.

A voz do indígena precisa ser pronunciada nos meios acadêmicos, e mais do que isso, ela precisa ser ouvida. O indígena precisa de espaços para se sentir inserido em sociedade como um ser humano, detentor de direitos e deveres, com suas culturas e suas raízes, no sentido de enfatizar que não é porque um indígena mora na cidade que ele deixa de ser indígena e deve esquecer de seus costumes e tradições (MUNDURUCU, 2008).

Mesmo sendo um campo novo de pesquisa, existem muitas produções que nos remetem a esse universo indígena, por meio delas podemos entender um pouco sobre o lugar do indígena em sociedade e como se deu a sua inscrição ideológica, uma visão não ocidentalizada do indígena. Dentre os escritores indígenas, podemos destacar alguns, são eles: Daniel Munduruku, Márcia Kambeba, Eliane Potiguara, dentre outros.

Daniel Munduruku (2008) nos conta sobre a relação existente entre a literatura indígena e a oralidade, na qual os indígenas mais tradicionais defendem que a transmissão de conhecimentos (culturas, história e tradições) deve ser feita por meio da oralidade, sendo passados de geração para geração por meio da história oral. Desse modo, quando um indígena aprende outra língua e passa a propagar a cultura indígena por meio da palavra escrita, para muitos indígenas, isso significa renegar a cultura indígena, confrontando a

tradição desse povo.

Entretanto, essa é uma técnica que precisa ser dominada pelos indígenas para favorecê-los, na luta por direitos e qualidade de vida. Aprender uma técnica não significa renegar o que se é, mas representa uma reafirmação da competência, significa a demonstração da capacidade de traduzir a memória oral em identidade. A literatura indígena, portanto, possui o condão de fortalecer a história do povo indígena. Nesse sentido, “Não se pode achar que a memória não se atualiza. É preciso notar que ela – a memória – está buscando dominar novas tecnologias para se manter viva”. (MUNDURUKU, 2008, s/p)

Assim, analisar a poesia indígena, é fortalecer e dar espaço para que essa cultura se propague. E como podemos analisar a poesia indígena brasileira? Um dos caminhos possíveis e escolhido por nós foi por meio da Análise Discursiva. Tal investigação tomou como corpus um poema da autora indígena Márcia Kambeba, em seu livro “Ay kakyri tama (Eu moro na cidade)”, é um texto que traduz a história oral do seu povo.

Sobre a etnia Kambeba, Benedito Maciel, na apresentação do referido livro, informamos que os Cambeba foram indígenas que se esconderam na mata virgem para fugir de massacres e da escravidão. Durante o século XX, no porto das aldeias, se alguém passasse por lá perguntando se havia indígenas, a resposta era para ser negativa. Somente na década de 1980, com a ajuda de Valdomiro Cruz³ os Cambeba reassumiram seus lugares formando aldeias e reascendendo seus costumes, desse modo se mantiveram vivos durante o período colonial, momento em que muitas etnias indígenas foram extintas do globo terrestre. (MACIEL, 2013, p. 15)

Assim, os Kambeba representam a resistência de uma etnia que poderia ter sucumbido no tempo, pelo massacre da colonização do decorrer da história, assim como aconteceu com tantos outros povos, no entanto, manteve-se viva, e busca reviver toda a sua cultura ancestral fortalecendo a sua identidade. Esse fortalecimento pode ser feito de várias formas, e a poesia é uma delas.

2 | ANÁLISE DISCURSIVA DA POESIA SER INDÍGENA (SER OMÁGUA): O PAPEL DA MEMÓRIA DISCURSIVA

O livro da indígena Márcia Kambeba é marcado por fortes traços de oralidade e ancestralidade, a todo momento a autora cita rituais, crenças, dentre outras características da cultura indígena. A estética da poesia em estudo é uma característica inerente nas suas produções, encontramos rimas e entonações próprias da língua indígena. O livro é todo marcado pela história do povo Kambeba, que lutou durante muitos anos para conseguir

³ Em depoimento para a autora deste livro em 2012, Valdomiro Cruz, o patriarca dos Cambeba no Brasil relatou que por ocasião da Guerra do Paraguai, os Cambeba foram “adotados” por um patrão branco recebendo dele o sobrenome Cruz, provavelmente, para não irem à guerra, como índios errantes ou vadios. Curiosamente, Cruz, também era o sobrenome de Dionísio, o último Cambeba de cabeça achatada encontrado. Deste modo, a palavra “cruz” para os Cambeba significa não apenas a imposição do cristianismo católico e da política indigenista colonial, mas retrata também parte de sua história de contato com o mundo ocidental, simbolizando também suas alianças e suas diversas estratégias de relações com o mundo ocidental. (MACIEL, 2013)

sobreviver ao período colonial.

A literatura indígena é um tema novo, tanto em produções quanto em análises, desse modo, Segismundo Spina (2002) explica que para penetrar no misterioso mundo das formas poéticas primitivas é necessário nos libertar do mundo em que vivemos, a literatura indígena é o nosso início, é o nosso mundo primeiro. De alguma forma pertencemos a esse mundo, é preciso despir-nos de qualquer preconceito, das arrogâncias da razão e da certeza, para assim ir para o centro da poética indígena e poder percebê-la.

A análise se pautará na poesia escrita por Márcia Kambeba, à luz da perspectiva na Análise de Discurso. A autora ao longo de sua obra, *Ay Kakyri Tama (Eu Moro na Cidade)*, toma uma posição-sujeito de propagador da memória discursiva da etnia Kambeba. Com efeito, por meio de seus poemas, a poetiza retrata a memória oral do seu povo, informações que foram passadas de geração para geração e que foram primordiais na formação discursiva de seus textos, inscritas na ideologia do lugar onde se constituiu enquanto sujeito, ou seja, pelas práticas sociais e ideológicas do povo Kambeba.

Nesse ínterim, a memória possui características relacionadas ao discurso, à vista disso ela é tratada como interdiscurso, é o que Eni Olandi (2005, p. 29) chama de “memória discursiva”, que significa “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Isso afeta diretamente a forma como o sujeito significa na situação discursiva.

No caso em questão, tudo o que já foi dito sobre a cultura, os costumes, as tradições indígenas do povo Kambeba, ressurgem na voz da autora, que está marcada pela ideologia na qual foi inscrita no decorrer de sua história. Nesse sentido, todas as informações já ditas por alguém, em algum lugar, em outros momentos da história, produziram efeito no dizer do texto (ORLANDI, 2005). Acrescenta-se, ainda, que a indígena (re) constrói sentidos das histórias, marcas da tradição oral, que ouviu de seus ancestrais, nesse caso, uma das características de sua obra é o jogo de interlocução entre a língua indígena/tupi e a portuguesa.

Assim, o interdiscurso nos mostra uma forte contradição presente nesse trabalho, pois os indígenas – de modo geral – valorizam a tradição oral, que defende que as informações devem ser passadas de geração em geração, por meio da oralidade. A partir do momento em que um indígena aprende uma nova língua para propagar a sua história e cultura, ele é visto com um olhar preconceituoso, tanto de alguns indígenas mais conservadores, que são avessos a essa prática, quanto do homem ocidental, que acredita que o índio que mora na cidade deixa de ser índio, pois está abandonando a sua cultura (MUNDURUCU, 2008).

Nesse aspecto se constrói a relação entre interdiscurso e intradiscurso, ou seja, a relação entre o “já-dito” e o que “se está dizendo” (ORLANDI, 2005, p.30). Essa relação é fundamental para a compreensão e análise do discurso. Assim, constrói-se a relação entre o texto e a autora, para que possamos identificar as marcas ideológicas e históricas presentes no texto e as possíveis interpretações discursivas.

O poema em análise foi extraído do livro *Ay Kakyri Tama (Eu Moro na Cidade)*, de autoria da indígena Márcia Wayna Kambeba. Nele a autora fala de como é “ser indígena”, expondo as alegrias, as memórias, os costumes e a luta pelo território que é uma batalha constante na vida dos povos indígenas que persiste até os tempos atuais. Eis que segue:

SER INDÍGENA – SER OMÁGUA

*Sou filha da selva, minha fala é Tupi.
Trago em meu peito,
as dores e as alegrias do povo Kambeba
e na alma, a força de reafirmar a
nossa identidade, que há tempo fico esquecida,
diluída na história.
Mas hoje, revivo e resgato a chama
ancestral de nossa memória.
Sou Kambeba e existo sim:
No toque de todos tambores,
na força de todos os arcos,
no sangue derramado que ainda colore
essa terra que é nossa.
Nossa dança guerreira tem começo,*

*mas não tem fim!
Foi a partir de uma gota d’água
que o sopro da vida
gerou o povo Omágua.
E na dança dos tempos
pajés e curacas
mantêm a palavra
dos espíritos da mata,
refúgio e morada
do povo cabeça-chata.*

*Que o nosso canto ecoe pelos ares
como um grito de clamor a Tupã,
em ritos sagrados,
em templos erguidos,
em todas as manhãs!*

Tendo como base os enunciados-discursivos da poesia descrita acima, a análise trilhou, inicialmente, pelos caminhos da materialidade linguística, enfatizando as marcas poéticas encontradas no texto, que serão abordadas em seguida. No segundo momento, tem-se como foco os aspectos discursivos como a condição de produção, a memória discursiva, a posição-sujeito da autora e o lugar da AD na análise de poesia indígena.

A análise material foi feita com base nos elementos característicos de um poema. Além da linguagem poética, existem outros elementos que devem ser observados, são eles:

figuras de linguagem, rimas, métrica, estrofes, ritmo poético, dentre outras características. Mas não significa que todos os poemas devem possuir todos esses elementos, os quais podem variar entre autores e trabalhos, entretanto, um dos elementos que aparecem com mais frequência nos poemas são as figuras de linguagem. (DE NICOLA e INFANTE, 1995).

Neste trabalho, nos atemos em identificar e comentar um pouco sobre as figuras de linguagem, pois é uma das características que aparecem com maior frequência nos textos poéticos. Tratam-se de vocábulos ou expressões que são utilizadas fora do seu sentido literal, com o objetivo de enriquecer as possibilidades de interpretação do texto (DE NICOLA e INFANTE, 1995), eles exploram o sentido conotativo das palavras, pois o objetivo da poesia é provocar no leitor várias possibilidades de interpretação, de acordo com a inscrição do sujeito que escreve e o que lê.

Assim, a matéria prima do artista literário é a palavra. Mas para se obter um bom texto, o poeta não trabalha com a palavra no seu sentido literal, mas com as suas nuances, com a sua opacidade, explorando os sentidos, se aproveitando do processo de arrumação vocabular e exploração de significados (DE NICOLA e INFANTE, 1995).

No que tange a esses aspectos da materialidade, foram percebidas algumas figuras de linguagem que estão presentes nos seguintes enunciados: “sou filha da selva”, “resgato a chama”, “Sou Kambeba e existo sim”, dentre outros que serão explorados adiante. No enunciado “sou filha da selva”, ao utilizar o vocábulo “filha”, supõe-se que existe uma íntima ligação com a natureza, nesse caso representado pelo vocábulo “selva”, além do mais, o termo “filha” não representa apenas a voz da autora, mas significa a voz de todo o seu povo, os Kambeba. Desse modo, ser Omágua, segundo o poema, representa estar intimamente ligado à natureza e fazer parte dela, respeitando-a, entendendo-a, como se fosse uma relação fraterna de pai e filho, em que o filho deve respeito ao seu antecessor.

Para Vilas Bôas (apud KAMBEBA, 2013), sobre os Kambeba, “Como ninguém, eles se consideram parte da natureza, e têm por ela um respeito que a nossa sociedade perdeu há muito tempo”. Logo em seguida o a autora utiliza, também como figura de linguagem, o termo “resgato a chama”, um elemento que também está relacionado à natureza e que pode ser a representação de que toda a cultura indígena poderia ter sido “apagada” no decorrer da história mas se manteve viva até hoje, por meio do seu povo, que luta para que essa “chama” não se apague e “queime” com mais intensidade, por meio da força da cultura Kambeba. Chama também representa as grandes fogueiras feitas nos rituais indígenas, por meio do fogo o indígena expõe suas culturas, suas crenças, em meio aos rituais. Essa chama também pode representar o desejo do povo Kambeba de ser “visto”, ainda que morem no meio da mata, serem notados como uma clareira que queima até o alto cume, ultrapassando o topo das árvores.

Na segunda estrofe a autora reafirma a existência do seu povo, com a expressão “Sou Kambeba e existo sim”, nesse enunciado o termo “existir” possui não apenas o significado de existência, de estar vivo e permanecer em um local por um período, mas

representa a luta que o povo Kambeba tem travado para que seja visto em sociedade, para que sua existência seja notada e respeitada, representa a inscrição ideológica de um povo que quer o reconhecimento da sua existência, e não apenas a percepção de que existe. Nesse contexto, “não há sentido sem metáfora. As palavras não têm, nessa perspectiva, um sentido próprio, preso a sua literalidade.” (ORLANDI, 2013, p. 39)

Ainda na composição da materialidade linguística, no enunciado: “no sangue derramado que ainda colore essa terra que é nossa”, o sangue que foi derramado nas batalhas não existe mais e não pode ser visto no chão das aldeias, mas, tal enunciado possui o sentido de reafirmar que o “sangue”, mesmo derramado há muitos anos atrás, permanece “vivo” na memória e na história oral do povo Kambeba, como símbolo das batalhas que foram travadas no decorrer da história para que esse povo não sucumbisse no tempo, símbolo dos indígenas que forma mortos nas guerras para que os sobreviventes pudessem ocupar o local de pertencimento em que estão hoje.

Agora passaremos para o segundo momento da análise desse trabalho, que tem como foco os aspectos discursivos como a condição de produção, a memória discursiva, a posição-sujeito da autora e o lugar da AD na análise de poesia indígena. Com relação às condições de produção e às memórias discursivas, Pierre Achard (1999) nos explica que não se pode provar a memória apenas com os acontecimentos que estão representados no corpus, mas ela deve ser enquadrada nas formulações do discurso concreto em que nos encontramos. Desse modo, o que está implícito no enunciado não pode ser comprovado como algo que tenha existido realmente em algum lugar. O que funciona, então, são as operações feitas pelos analistas, que se deixam emergir na situação *in loco* no sentido de encontrar uma regularidade enunciativa, com possibilidades representadas no enunciado.

Sendo assim, a análise discursiva possui a função de dar um lugar para o texto, e não apenas se aprofundar na sua materialidade para explicar situações do inconsciente, que são da ordem do inefável, ou do inconsciente coletivo (ACHARD, 1999). Nesse sentido, trabalharemos com as hipóteses que o discurso em questão nos apresenta, e nos afastaremos do seu caráter psicológico ou comprobatório. Seguimos a busca pelo lugar do texto e do sujeito nele inscrito com base na AD e seus pressupostos.

Ao tratar da memória discursiva, antes de tudo, é importante citar que a interpretação feita pela autora, da história oral do seu povo, é única, pois a sua voz ecoa pelo íntimo do leitor, narrando situações que aconteceram há muitos anos atrás, compartilha conosco seus costumes, suas crenças, sua história, assim, faz com que o leitor penetre no seu universo indígena, e sem perceber se sinta parte da história. Logo, a memória não é um terreno plano, de conteúdo homogêneo e ordenado, como se estivessem em uma estante de livros, em ordem alfabética. A memória é um espaço de desdobramentos, polêmicas, réplicas e contradiscursos (Pechêux, 1999).

Mesmo que os detalhes dessa voz sejam secundários, parafrásticos, é pela voz da autora que o texto se faz vivo. No entanto, Pechêux (2013) explica que o real da história

não possui a mesma ordem do real da língua, nesse sentido a história produz sentido por meio da autora, na sua posição de sujeito na história oral indígena.

É por meio do poema que o “já-dito” cria vida, ele está associada a um saber discursivo que não foi ensinado nos livros, mas que foi aprendido por meio da história oral, a memória coletiva que está no inconsciente da autora. Apesar do texto estar na primeira pessoa, a voz que aparece no enunciado possui a representação do povo Kambeba, não somente a da autora, é uma representação da coletividade. Por exemplo, no enunciado: “Sou filha da selva, minha fala é Tupi. Trago em meu peito as dores e alegrias do povo Kambeba” é a representação da memória coletiva. Nesse caso, a memória real se confunde com a virtual, então as hipóteses levantadas são de que a autora pode ter passado por essas situações, ou seja, que tenha realmente vivido esses acontecimentos no decorrer da sua história, ou que são representações do que lhe foi transmitido por meio da história oral, traduzidos do seu inconsciente.

O restante do poema é marcado por essa dualidade de narrativas, pois em um momento o enunciado fala na primeira pessoa do singular (“sou Kambeba e existo sim”) e em outro momento ele fala na terceira do plural (“Que osso canto ecoe pelos ares”), entende-se que nem a autora reconhece quais são as suas memórias, as que foram vividas por ela, e as que foram vividas por outras pessoas e outros momentos da história, e não há como identificar essa separação, pois a autora acaba tomando para si as narrativas que ouviu na infância, deves é como se ela tivesse passado pelas situações que seus ancestrais passaram, quando ela afirma “Mas hoje, revivo e resgado a chama ancestral da nossa memória”, fica evidente que a representação da memória, nesse caso, se mistura com a memória da autora e do povo Kambeba, ou seja, a memória individual é também uma representação da memória coletiva, pois uma necessita da outra. Sobre isso, Pêcheux (1999) nos diz que “o fato de que exista assim o outro interno em toda memória é, a meu ver, a marca do real histórico como remissão necessária ao outro exterior, quer dizer, ao real histórico como causa do fato de que nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior.

Na segunda estrofe fica em evidência as batalhas travadas pelo povo Kambeba para conseguirem sobreviver, desde o tempo da colonização até os dias atuais. No enunciado “Sou Kambeba e existo sim: No toque de todos tambores, na força de todos os arcos, no sangue derramado que ainda colore essa terra que é nossa”, a autora evidencia isso. A memória coletiva do povo Kambeba é marcada por lutas de sobrevivência, durante o século XX, eles se esconderam na mata para não serem mortos ou virarem escravos, se alguém parasse em seus portos a ordem era pra dizer que ali não existia índios. Apenas na década de 1980, com a ajuda de Valdomiro Cruz, eles reassumiram a sua etnia e sua existência no médio Solimões, assim demarcaram territórios, fizeram alianças políticas e mantiveram vivos os seus costumes, língua e tradição. (MACIEL, 2013)

Assim, o enunciado “Sou Kambeba e existo sim” possui um significado muito forte para esse povo, pois eles tiveram que se esconder na mata durante muitos anos, para

fugir do massacre que os indígenas sofreram, momento em que muitos grupos étnicos indígenas foram extintos do planeta. A sobrevivência do povo Kambeba é sinônimo de garra, luta e vitória, em confronto com a imposição da cultura ocidental, e essa é uma batalha perdura até os dias de hoje, é o que nos diz o seguinte enunciado: “Nossa dança guerreira tem começo, mas não tem fim!”.

Apensar de não representar uma batalha física, com arcos e fechas, a batalha indígena da atualidade tem uma nova face, em que os indígenas não lutam apenas pela sobrevivência, mas por território e reconhecimento da sua ideologia. O enunciado “a força de reafirmar a nossa identidade”, representa a busca da memória coletiva pelo seu lugar na sociedade contemporânea, reforça o sentido de que o indígena ainda procura o seu lugar em igualdade de direitos com o homem ocidental, o que não significa esquecer a sua ideologia, mas ser tratado em igualdade de direitos e oportunidades.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, entendemos que a poesia é uma forma de inscrição do sujeito indígena. Escrever em uma língua que não é a sua língua materna já representa um grande desafio, e ainda ter que enfrentar várias formas de preconceito para propagar esse novo conceito do que é “ser indígena”, é uma batalha que os estudiosos dessa área têm enfrentado.

Por meio da Análise Discursiva notamos que o sujeito presente nos textos é ideológico e carrega muitas marcas do discurso oral, que é a tradição indígena. Há uma repetição do discurso que foi vivido em outras épocas, mas que se mantém vivo pela voz da autora Márcia kambeba, que faz o uso do pré-construído, mesmo sem ter a consciência disso.

A autora em questão acredita que é dona do seu próprio discurso, no entanto, ao falar ela representa todo o seu povo, e não controla o seu dizer. Pois está marcada por uma memória discursiva da história oral que lhe foi transmitida pelos seus ancestrais. A autora assume uma posição-sujeito na formação discursiva do povo Kambeba.

Nesse sentido, a poesia indígena tem fundamental significado na representatividade desse povo, pois é por meio dos poemas que a sujeito pode encontrar a sua representação social e fazer sua voz se propagar nos meios sociais e acadêmicos, reforçando a sua inscrição ideológica e reafirmando a sua posição social, de que o índio continua sendo índio, mesmo morando na cidade.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre [et al.]. *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

Bhabha, Homi K., 1949. *O local da cultura / Homi K. Bhabha*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

DE NICOLA, José, INFANTE, Ulisses. *Análise e interpretação de poesia*. São Paulo: Scipione, 1995.

KAMBEBA, Márcia Wayna. *Poemas e crônicas: Ay Kakyri Tama = Eu moro na cidade*. Manaus: Grafisa, 2013

MACIEL, Benedito. Apresentação. In: KAMBEBA, Márcia Wayna. *Poemas e crônicas: Ay Kakyri Tama = Eu moro na cidade / Márcia Wayna Kambeba*. Manaus: Grafisa, 2013.

MUNDURUKU, Daniel. *A literatura indígena não é subalterna*, publicado em 16/03/2018. IN: Itaú cultural. Disponível em: < <http://www.itaucultural.org.br/a-literatura-indigena-nao-e-subalterna> >. Acesso em: 19. Nov. 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso: Princípios & Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. *Papel da memória*. In: ACHARD, P. et al. (Org.) *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

SPINA, Segismundo. *Na madrugada das formas poéticas*. 2ª ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afrodescendente 81, 82, 83, 84, 86, 89, 90, 91, 92, 95

Análise de discurso 21, 25, 112

Anúncios publicitários 58, 59, 61, 62, 66, 67, 152

B

Bakhtin 14, 19, 155, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194

C

Canto coral 167, 168, 169, 171, 172, 182, 183, 184

Concordância nominal 14, 142, 143, 151, 153

Contra-hegemonia 167, 168, 169, 171, 182

Cultura brasileira 1, 113, 122

Currículo 16, 113, 114, 115, 116, 119, 123, 124, 156, 159, 165, 173, 174, 177

D

Deficiência visual 195, 206

Dialogismo 164, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193

Discurso ideológico 21

Discursos da informação 69

E

Educação 11, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 42, 56, 65, 82, 91, 96, 114, 115, 116, 119, 123, 124, 126, 128, 129, 130, 131, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 165, 166, 167, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 207, 208, 209, 211, 217, 222, 225, 227

Educação musical 167, 169, 170, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184

EJA 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 166

Ensino-aprendizagem 42, 117, 124, 164, 200, 201, 202, 204, 209, 225

Ensino médio 42, 43, 48, 49, 50, 56, 57, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 121, 123, 124, 184

Epistemologia 14

F

Fake news 69, 70, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80

Formação de professores 1, 13, 165, 227

G

Gêneros discursivos 116, 117, 118, 155, 156, 160, 161, 164, 186, 195, 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208

Gramática normativa 58, 59, 67

H

Heterogeneidade 12, 42, 43, 45, 46, 47, 49, 53, 55, 60, 67, 168, 207

I

Identidade 16, 22, 23, 24, 26, 30, 77, 78, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 95, 116, 133, 135, 138, 140, 160, 161, 164, 188

Inteligências múltiplas 97, 98, 99, 100, 103, 110, 111

Interação verbal 1

Interacionismo sociodiscursivo 185, 187, 190, 192, 193

L

Letramento digital 125, 127, 129, 133

Letramento escolar 195, 199, 202, 208

Língua espanhola 42, 43, 45, 46, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 227

Linguagem 14, 17, 18, 26, 27, 46, 48, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 68, 79, 87, 98, 99, 100, 101, 105, 108, 111, 112, 116, 118, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 142, 145, 147, 150, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 180, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 201, 202, 207, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Linguagem da publicidade 142

Linguagens 14, 18, 56, 91, 116, 118, 119, 120, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 174, 181

Língua-inglesa 155

Livro didático 12, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 53, 54, 55, 56, 57, 117, 120, 122, 166

M

Memória 6, 17, 19, 21, 22, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 99, 135, 217, 223

Memória oral 21, 24, 25

Multimodalidade 97, 100, 102, 109, 110, 112, 130

N

Negrice 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 91, 92, 93

Negritude 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94

P

Poesia indígena 21, 24, 26, 28, 30

Pós-verdade 69, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80

Prática social 125, 126, 127, 129, 132, 196, 207, 218, 221

Procedimentos em rede 167, 176, 177, 179

Produção oral 1, 2, 45, 50, 52

Professores 1, 2, 3, 6, 9, 11, 13, 15, 16, 17, 19, 20, 45, 47, 49, 50, 92, 98, 105, 113, 115, 117, 120, 121, 122, 124, 126, 128, 130, 131, 133, 160, 165, 173, 174, 175, 178, 195, 200, 201, 205, 208, 211, 217, 218, 219, 223, 224, 225, 227

Pronúncia 7, 8, 11, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 63

S

Semântica 15, 32, 33, 34, 35, 36, 41, 83, 181

Sudeste do Pará 135

T

Texto 11, 14, 17, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 48, 51, 52, 57, 65, 66, 69, 71, 72, 75, 83, 85, 97, 100, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 127, 140, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 163, 164, 171, 191, 199, 201, 203, 204, 206, 207, 210, 212, 219, 220

Toponímia 135, 136, 138, 140

Transculturalidade 81

V

Varição e mudança no PB 142

Varição linguística 58, 67, 120, 143

VARISUL 142, 143, 144, 152, 153

Vocabulário 8, 32, 33, 37, 38, 40, 55, 224

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora
Ano 2022